

A Classe *méRdia* brasileira

Ricardo Giuliani

Mestre e Doutor em Direito.

Escritor e Artista Plástico.

O rentismo, a ilusão da riqueza e a sociedade que teme o próprio futuro

Ensaio em três partes

Publicação em três partes no site ricardogiuliani.com.br

Vivemos tempos difíceis. Observo que as transformações econômicas, a concentração da riqueza, a radicalização política e o avanço de movimentos autoritários parecem ocorrer em velocidade superior à nossa capacidade de compreendê-los. Mais do que a instabilidade do presente, inquieta-me a crescente dificuldade de construir alguma previsibilidade sobre o futuro. Percebo que estamos perdendo a capacidade de reconhecer os movimentos da sociedade e, consequentemente, de compreender os caminhos que ela poderá percorrer.

É dessa inquietação que nasce meu ensaio *A classe méRdia brasileira*, organizado em três partes. Não pretendo oferecer respostas definitivas, mas investigar algumas contradições econômicas, sociais e políticas que, a meu juízo, ajudam a explicar o comportamento da sociedade brasileira contemporânea.

Utilizo a expressão *classe méRdia* como uma provocação sociológica, com a qual procuro identificar uma disposição social marcada pelo medo da pobreza, da qual se está perigosamente próximo, e pela fascinação pela riqueza, da qual se permanece estruturalmente distante. Entendo que essa contradição pode produzir uma identificação imaginária com as elites econômicas, mesmo entre aqueles cuja sobrevivência depende essencialmente do trabalho.

Na segunda parte, examino o que denomino *fator Faria Lima*, expressão que utilizo para compreender como a valorização patrimonial e o rentismo se transformaram em referências culturais de sucesso. Interessa-me questionar uma sociedade que admira a possibilidade de viver dos rendimentos do capital, mas encontra dificuldades persistentes para ampliar sua capacidade produtiva, desenvolver tecnologias e distribuir os resultados do crescimento econômico.

Na terceira parte, procuro investigar a relação entre insegurança material, ressentimento e conservadorismo político. Proponho a hipótese do *conservadorismo compensatório*, pelo qual a frustração das expectativas de ascensão econômica pode estimular a busca por reconhecimento e superioridade moral, criando condições favoráveis à mobilização por movimentos autoritários. Não pretendo estabelecer relações automáticas, mas compreender tendências que identifique em diferentes sociedades democráticas.

Meu propósito central, neste ensaio, é relacionar economia, cultura e política para interpretar os movimentos de nosso tempo. Em um ambiente dominado por explicações simplificadoras, pela identificação de inimigos e pela intolerância, considero necessário recuperar o exercício da reflexão crítica. Compreendo que investigar as contradições sociais não significa prever acontecimentos, mas reconhecer tendências que permitam reduzir a imprevisibilidade e orientar nossas escolhas.

Penso que uma das maiores dificuldades contemporâneas seja justamente a perda da confiança na possibilidade de um futuro melhor. Quando essa confiança desaparece, o medo pode substituir a esperança, e a promessa de autoridade pode ocupar o lugar de um projeto coletivo de desenvolvimento.

Concebo este ensaio, sobretudo, como um esforço de compreensão. Uma tentativa pessoal de interpretar os tempos difíceis que atravessamos e de contribuir para a recuperação de nossa capacidade de pensar o futuro como uma construção humana, não como um destino inevitável.

Ao final, deixo uma pergunta que orienta as três partes e que considero fundamental para compreender os desafios de nosso tempo: **seremos capazes de construir uma sociedade em que não seja necessário ser rico para deixar de ter medo de ser pobre?**